

O CENTENÁRIO DE GIL AMORA

(PALESTRA PROFERIDA PELO POETA CARLYLE MARTINS NA
SESSÃO DE 10 DE MAIO DE 1955 NA «ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS»).

Há datas que, por sua significação e lembrança, não podem passar despercebidas e monótonas, sem que vibrem, saudando-a em ressonâncias festivas e harmoniosas, os sinos de ouro da nossa alacridade.

Assim, com a aproximação de uma data que relembra o primeiro centenário do nascimento



DR. GIL AMORA

de um cearense que enalteceu e dignificou a sua terra, pela nobreza de sentimentos e pujança intelectual, nós, os componentes da «Academia Cearense de Letras», devemos estar a postos para comemorá-la e reverenciá-la, com as forças mais vivas de nossa espiritualidade.

Refiro-me ao dia 14 de maio em curso, que assinala a aparição ao mundo, há um século, do dr. Gil Amora, um dos mais autênticos valores do Ceará de outrora, quando as coisas do espírito despertavam maior interesse e aos homens de bem nunca era negado um posto condigno no banquete das disputas e competições inerentes aos que lutam por um lugar ao sol, na ansiedade das conquistas justas e brilhantes, na febre dos ideais ambicionados.

Nascido na vizinha cidade de Aquiraz, berço do dr. Justiniano de Serpa, do Prof. Joaquim da Costa Nogueira e do dr. Manuel Ambrósio da Silveira

Tórres Portugal, e onde os Jesuítas outrora plantaram marcos de civilização e cristianismo, foi Gil Amora o derradeiro rebento do lar, sob todos os títulos venturoso, do Major Francisco José Amora e d. Ana Rosa da Conceição de Freitas Amora, que lhe transmitiram, como legado precioso, as qualidades de inteligência,

caráter e trabalho que exornavam aquêlê casal honrado e diligente, a que nunca faltaram, na sua longa peregrinação na terra, as benções luminosas de Deus.

Na sua adolescência longinqua e tranquila, Gil Amora cursou o Seminário Diocesano de nossa Capital e o Liceu do Ceará, terminando os preparatórios iniciados com brilho e aproveitamento, no Liceu da terra de Rui Barbosa e Castro Alves.

Antes de sua ida para a cidade do Salvador, aqui fundara, coadjuvado por Clóvis Bevilaqua, Pedro de Queiroz, Paula Nei e João Edmundo, o jornal «E pur si muove», cujo primeiro número surgiu a 30 de abril de 1875, quando êle contava, portanto, vinte anos de idade.

Rumando depois a capital pernambucana, alí teve ingresso na velha e tradicional Faculdade de Direito, encontrando como companheiros os nossos preclaros conterrâneos Antônio Augusto de Vasconcelos, Virgílio Brígido e Pedro de Queiroz, salientando-se logo por suas aptidões intellectuais, vivacidade de intelligência e amor aos livros, tanto que os professôres o consideravam um dos bons alunos do vetusto templo do Direito, em cujo âmbito ressoaram depois as vozes de Tobias Barreto e José Higino, e os estudantes o tinham sempre como um colega desprezencioso e insinuante, a prestigiar a classe com o aprumo do seu cavalheirismo e as cintilações do seu talento.

Dispondo de uma inata propensão para os embates da imprensa, em cujo convívio parecia que a sua personalidade se sentia à vontade, fundou e redatoriou a revista «Ensaio Jurídico e Literário», da qual se conserva grata impressão, uma vez que assinalou uma época de vibração e renascimento para as lides acadêmicas de Recife.

Mas não era sòmente a imprensa que atraía Gil Amora, espirito voltado para outros rumos do pensamento, sendo que a tribuna sôbre êle exercia verdadeiro fascínio, havendo nesse setor obtido o mais justo renome, como orador de gestos comedidos, linguagem arrebatadora, voz harmoniosa, perfeita concatenação de idéias e tropos de imaginação, ainda que em momentos difíceis e situações delicadas.

Por ocasião da inauguração dos retratos de Almeida Garret, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco, no «Gabinete Português de Lektura», de Recife, a 15 de agosto de 1880, proferiu êle um discurso dos mais empolgantes, como representante do 5º ano acadêmico, o que constituiu um triunfo oratório dos mais retumbantes e lhe assegurou as credenciais de tribuno de primeira ordem.

Concluído o curso juridico, regressou à terra do berço, ingressando, de pronto, no Ministério Público, como Promotor de Justiça das Comarcas de Acaraú e Aracati, e pouco depois como Juiz Substituto de Pacatuba, Baturité e Fortaleza, tendo assumido por mais de uma vez, nesta Capital, as funções de Chefe de Polícia, em cujo

desempenho, como naqueles encargos, revelou sempre a fibra de um homem de bem, justiceiro, independente e probo.

Filiado ao Partido Liberal, sob a égide da «ala Pompeu» e chefia do grande condutor de homens, que foi o dr. Antônio Pinto Nogueira Acioly, não tardou em emprestar o brilho de sua colaboração às colunas da «Gazeta do Norte», órgão daquela agremiação política, na Província, não demorando em se lhe tornar o redator-chefe, no que revelou o fulgor do seu espírito, a pujança da sua ilustração e a tenacidade do seu temperamento combativo.

Surgindo a campanha abolicionista, a que se filiaram todos os bons cearenses, empenhados na mais radiosa cruzada de redenção que se agitou entre nós, Gil Amora transformou-se em arauto da liberdade dos oprimidos, aos mesmos levando a sua palavra candente e confortadora e em seu favor empunhando a flâmula viva da sua fé cívica.

Jurista de alto merecimento, jornalista amestrado e orador correto e elegante, Gil Amora foi uma figura impressionante e dominadora, das mais insignes que têm perlustrado a terra cearense.

Se a vida começa aos quarenta anos, como quer um pensador norte-americano, o dr. Gil Amora não chegou a desfrutar as louçanias e os encantos da existência, de vez que faleceu aos trinta e três anos incompletos, ou seja a 28 de outubro de 1888, quando tinha diante de si uma estrada larga a percorrer, referta de perspectivas auriféreas e sorridentes esperanças.

Não permitiu o imprevisto de sua morte que continuasse êle a emprestar à terra natal o brilho de sua inteligência e a servir à política de então com o descortino de idéias e a larga visão de que era possuidor, tanto que, como recompensa ao seu mérito inconfundível, seu nome ia figurar na chapa de deputados gerais do Império, em cujo posto poderia prestar assinalados serviços de ordem moral e intelectual à sua terra e à sua gente.

Com o desaparecimento do dr. Gil Amora, abriu-se um vácuo imenso no Ceará mental de algumas décadas passadas, sendo por todos lamentado o rude golpe desferido contra nossa gleba: — os jornais da época teceram-lhe sentidos necrológicos, onde foram postas em relêvo as suas qualidades de homem superior, sendo que Virgílio Brígido, coestadano dos mais eminentes, à beira do seu túmulo, com expressões repassadas de saudade, transmitiu-lhe os adeuses dos seus numerosos amigos e companheiros de ideal.

Dispondo de vastos conhecimentos sociológicos, filosóficos, jurídicos e literários, poderia ter deixado uma bagagem das mais opulentas, contando-se em meio à sua obra fragmentária e dispersa as publicações — «Sociologia», «Da Paz e da Guerra», «A Atualidade», «Liberdade de Indústria», «Município de Baturité», «O Movimento Emancipador e a Cidade de Icó», as quais a sua digna família, num

gesto de dedicação e carinho, pretende reunir em livro, imprimindo-lhe mais segura duração.

Herdeiros do seu nome honrado e limpo, figuram alguns descendentes ilustres, tais como o falecido poeta José Gil Amora, a quem conheci nos inquietos tempos de minha iniciação literária, dono que era de um talento vivaz e cintilante, autor de numerosos poemas repassados de harmonia e lirismo, e o dr. Carlos Albano Amora, farmacêutico e cidadão dos mais probos.

Dentre os seus netos, contam-se o festejado escritor dr. Manuel Albano Amora, nosso estimadíssimo consócio, atualmente no desempenho das altas funções de Procurador da República, e a Exma. esposa do conhecido jornalista e tribuno dr. Perboire e Silva, Professor da Faculdade de Direito do Ceará.

No cemitério da vizinha vila de Parangaba, o dr. Gil Amora dorme o sono dos que mergulham nessa noite sem estrêlas, que é a morte, sendo que, para ali, na data que se aproxima, ou seja a 14 de maio corrente, devemos volver o pensamento para sua sepultura e cobri-la, num simbólico gesto de piedade e veneração, com as rosas mais puras da nossa reverência e os lírios mais alvinitentes do nosso afeto.